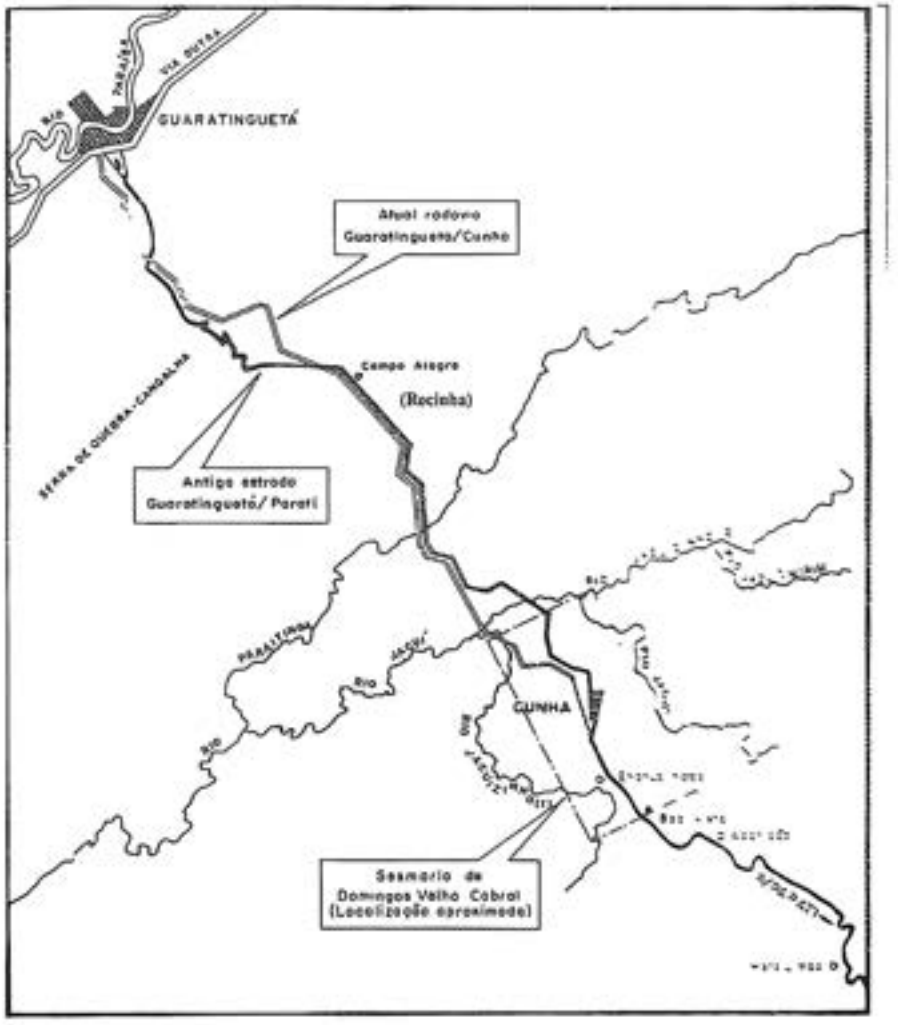
MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ-
PRAÇA CONSELHEIRO RODRIGUES ALVES, Nº 48 - 2º ANDAR
museufreigalvao@bol.com.br

2005 **nº 253**

DOMINGOS VELHO CABRAL E A VILA DE GUARATINGUETÁ



Em 24 de setembro de 1650 estava de passagem pela vila de São Francisco das Chagas de Taubaté o capitão-mor e ouvidor da Capitania de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém, Dionísio da Costa, quando aí se encontrou também o capitão **Domingos Velho Cabral, "morador de Guaratinguetá"**, que lhe fez entrega em mãos de uma petição. Nesse documento vamos encontrar uma das primeiras referências à **"Vila de Guaratinguetá"**, com povoamento e capela desde 1630.

Na verdade a povoação não havia obtido ainda o predicamento e, assim, mais curioso se torna o fato quando o próprio governador, no seu despacho, repete aquelas mesmas expressões designando como "vila" o núcleo que ali florescia. Mas já se

resolvera por certo outorgar-lhe jurisdição própria, pois, decorridos quatro meses e pouco do **encontro com Domingos Velho Cabral**, Dionísio da Costa atribuiria ao capitão Domingos Luiz Leme, seu mais eminente morador, o encargo de erguer pelourinho, símbolo de autonomia local.

Surgiu assim o título de **Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá** apenas cinco anos após a de Taubaté. Mas no relato desse episódio remoto ficou faltando ressaltar a figura e a atuação desse bandeirante dos primeiros tempos, o capitão **Domingos Velho Cabral - a quem se deveu, talvez mais do que a qualquer outro, a rápida projeção do povoado e a sua ascensão a Vila, como adiante se verá.**

Pertencia ele a uma das mais eminentes famílias da Capitania de São Vicente, descendente e colateral de experimentados povoadores do império português no Atlântico. Seu pai - o capitão Manuel da Costa Cabral - é citado por Pedro Taques de Almeida Paes Leme como "legítimo descendente da ilustríssima casa dos senhores de Belmonte", da qual provinha também Francisco Gonçalo Velho Cabral, "comendador do Castelo de Almoural, senhor das vilas das Pias, Becelgas e Cardiga descobridor das ilhas de Santa Maria e São Miguel, e seu primeiro donatário e povoador".

Vindo de uma daquelas ilhas do arquipélago açoriano para a Capitania de São Vicente, Manuel da Costa Cabral casa-se com Francisca Cardoso, filha de Gaspar Vaz e neta de Braz Cardoso, naturais de Mesão Frio, Portugal, e fundadores de Mogi das Cruzes. Em princípio de 1646 transfere-se para o Vale do Paraíba, fixando-se com a família na região de Taubaté, onde aparece como fundador do povoado do Senhor Bom Jesus de Tremembé. Alguns de seus filhos virão para Guaratinguetá: Lourenço Velho Cabral, Francisca R. V. Cabral, - que foi mulher do capitão Antônio Bicudo Leme, tido como um dos fundadores de Pindamonhangaba, - Ana Cabral - casada com o capitão Domingos Luiz Leme, além do **capitão Domingos Velho Cabral** de quem tratamos neste trabalho.

Os documentos referidos no início, - a petição de Domingos Velho e a Carta de Sesmaria expedida por Dionísio da Costa, proporcionam informes bastante preciosos e seguros da ocasião da vinda daquele pioneiro, da localização de suas terras e até da influência fundamental que teve na formação do povoado e na instalação do título de Vila em 1651.

Tratam os dois documentos de ratificação de uma sesmaria obtida havia algum tempo: Domingos Velho Cabral, "morador de Guaratinguetá", onde tem uma "data de terras", pede ao governador e este lhe dá "de novamente" aqueles chãos. (I).

Na carta de Sesmaria, Dionísio da Costa esclarece que as terras - "uma légua de testada com seu sertão" - "lhe foram concedidas pelo meu antecessor". Desta forma, podemos determinar com segurança e bastante aproximação o momento da passagem daquele povoador para a sua sesmaria.

O antecessor de Dionísio da Costa na governança da capitania fora o capitão Valério de Carvalho que exercitou-se no cargo desde 28 de novembro de 1646, segundo assevera o Juiz de Fora Marcelino Pereira Cleto que vasculhou fartamente os arquivos de Itanhaém e cujos informes jamais foram colocados em dúvida. Por outro lado, Dionísio da Costa, nomeado em 4 de novembro de 1648, - por provisão que Pedro Taques transcreve integralmente, - seria empossado pela Câmara de Itanhaém em 3 de abril de 1649. Mas, dada a demora das comunicações naquela época, Valério de Carvalho desempenharia o cargo ainda por algum tempo e a 17 de maio assinava Carta de

Sesmaria em Taubaté, onde se encontrava de passagem (II). Dessa forma, pode-se considerar esse período de aproximadamente dois anos e seis meses que se estende de 28 de novembro de **1646 a meados de 1649 como sendo seguramente aquele em que Domingos Velho Cabral obteve as suas terras, nelas se estabelecendo.**

Temos que a data se aproximará mais provavelmente do ano de 1647, coincidindo com a vinda do cunhado, o capitão Domingos Luiz Leme.

Observa Sérgio Buarque de Holanda que na petição de Domingos Velho Cabral mais de um dado toponímico ajuda a localizar a área pedida em terras onde brevemente surgiria o povoado do Facão, hoje cidade de Cunha.

Com "uma légua de testada" que principiava "do chamado **Jacoimiri**, de um ribeiro que está na borda das primeiras campinas", suas terras seguiam "correndo o sertão até a Boa Vista", no rumo do "caminho novo que abriu da Vila de Guaratinguetá para o mar", ficando "meia légua de uma parte do caminho e meia da outra banda".

Há ainda hoje no caminho de Paraty, cerca de uma légua além de Cunha, o lugar chamado Boa Vista, sem dúvida o mesmo que é designado na petição como "paragem". É provável que antes mesmo de ser aberta a vereda para Guaratinguetá, Boa Vista já existisse como local de pouso e abastecimento no caminho que ia de Taubaté à Vila de Nossa Senhora dos Remédios de Paraty.

Mais dificultoso porém é indicar qual dos cursos d'água seria o "chamado Jacoimiri" da petição, - ou o "Jacuimeri" como vem grafado na Carta expedida por Dionísio da Costa.

Existe em nossos dias a nordeste da cidade de Cunha, mas dentro dos limites do município, o ribeirão Jacuí-Mirim, que certamente não é o daqueles documentos. É ele um afluente do Jacuizinho, rio que, nascendo além do Bairro da Pedra Branca, vem despejar as águas no Jacuí, pela margem direita, pouco antes deste curso d'água atravessar o Bairro do Rio Abaixo.

O mesmo Jacuí recebe, a menos de uma légua a jusante mas pela margem esquerda, um outro Jacuizinho, - este mais conhecido do que seu homônimo pois é cortado em dois pontos da sua corrente pela moderna rodovia Guaratinguetá-Cunha.

Descartando a possibilidade de que o ribeirão Jacuí-Mirim acima mencionado, pela sua menor importância como curso d'água, fosse o da referência na Carta de Sesmaria de Domingos Velho Cabral, parece cabível admitir-se que o "Jacoimiri" não seja outro que um dos dois Jacuizinhos, outrora designados com maior verossimilhança por Mirim do que pelo diminutivo com que hoje são conhecidos. O da margem esquerda do Jacuí, no entanto, pelo seu posicionamento em relação a Boa Vista, é o que deve ser apontado como o verdadeiro "Jacoimiri". Nascendo a pequena distância da antiga "paragem" do Caminho do Mar, suas águas percorrem mansamente os verdes campos que se estendem por quase todo o percurso de muitas voltas. Na primeira parte do extenso itinerário, aproxima-se bastante do caminho que vai de Cunha a Parati, atravessando então o lugar conhecido por Encruzilhada; já no final, avizinhando-se do Jacuí onde despeja as águas, é transposto por duas vezes pela moderna rodovia Guaratinguetá-Cunha.

A antiga estrada Parati-Guaratinguetá, ao cruzar a cidade de Cunha, percorre ainda **hoje o mesmo traçado do caminho aberto pelo capitão Domingos Velho Cabral por volta de 1650**. Vindo de Boa Vista e se dirigindo a Cunha logo adiante, passando por dentro do antigo povoado do Facão e seguindo para Campo Alegre a estrada não sofreu,

através dos séculos, modificações importantes de direção nesse pedaço do percurso.

É de se notar, porém, que, de Cunha para Guaratinguetá, a antiga estrada de terra tinha traçado muito diferente da rodovia que atualmente liga essas duas localidades, pois ia transpor o Jacuí cerca de meia légua distante da faixa hoje asfaltada (III), como se observa no mapa.

Precisamente nesse trecho do "caminho que abriu da vila de Guaratinguetá para o mar" se localizavam as terras de Domingos Velho Cabral, demarcadas por ele desde um ponto do Jacuizinho onde tinham início as primeiras Campinas, - como esclarece a sua petição de forma inconfundível: "uma légua de testada que principia do chamado **Jacuimiri**, de um ribeiro que está na borda das primeiras Campinas, meia légua de uma parte do caminho e meia da outra banda, correndo o sertão até a Boa Vista, servindo de rumo o caminho do mar".

Embora a petição e a Carta não especifiquem, verifica-se que as terras, com uma légua de testada, se aprofundavam cerca de duas pelo sertão até a Boa Vista, - extensão muito comum entre as sesmarias que então era concedidas.

Para se compreender a importância do papel desempenhado por Domingos Velho Cabral naquele cenário primitivo e sua influência no desenvolvimento do povoado de Domingos Luiz Leme e na elevação à vila, torna-se necessário considerar a posição geográfica de Guaratinguetá naquele exato momento.

Taubaté se colocava desde os primeiros tempos, em situação extremamente privilegiada no Vale do Paraíba, como centro de amplo sistema de comunicação. Da primitiva aldeia dos Guaianazes (Taba-eté) partiam os seguintes caminhos: 1) para Paraty que, depois do Paraitinga, se bifurcava, o outro ramo dirigindo-se para Ubatuba; 2) para o sertão dos Caetés, que transpunha a Mantiqueira pela garganta do Piracuama, - itinerário provável da grande bandeira de Martim Corrêa de Sá em 1598; 3) para o sertão dos Cataguazes, que passando por Guaratinguetá, transpunha o Sorobis (Paraíba) em **Guapacaré** e, varando a garganta do Embaú, engolfava-se em território que viria a ser de Minas Gerais; 4) para Caraguatatuba e São Sebastião, percorrendo terras onde surgiriam Caçapava (Velha) e Capivari (Jambeiro). Este caminho dividia-se na altura de Caçapava, o segundo ramo seguindo por terras onde despontaria mais tarde a Vila de Nossa Senhora do Paraíba (Jacareí), atingindo Mogi das Cruzes. De Mogi das Cruzes, dirigia-se a São Paulo pelo Vale do Anhembi (Tietê), passando por Guarulhos, ou buscava Santos percorrendo o bem palmilhado Caminho do Piqueri.

Observe-se que não havia nessa época uma via inteiramente terrestre ligando São Paulo e Rio de Janeiro, então o grande entreposto de escravos índios da América. Com a vila de Estácio de Sá comunicava-se o Vale do Paraíba através de Paraty.

Guaratinguetá, portanto, pelo seu único caminho, vinculava-se a Taubaté, a essa vila tendo de se dirigir forçosamente para atingir qualquer outro ponto já povoado do planalto ou da marinha. A comunicação com Paraty fazia-se com o sacrifício de longa e penosa volta por Taubaté.

Coube ao capitão Domingos Velho Cabral modificar essa situação, entre 1647 e 1650, ao abrir uma vereda para Guaratinguetá a partir da sua sesmaria situada no caminho que de Taubaté ia a Paraty, - ligando dessa forma a povoação diretamente ao litoral.

É incalculável o resultado desse empreendimento para a vida do povoado que, a partir daí, caminhou célere para a autonomia. A Sérgio Buarque de Holanda não

passou despercebida a correspondência desses fatos. Acentuando a importância do cometimento de Domingos Velho Cabral, observa que **a abertura do caminho e as facilidades de comunicação com Paraty e o Rio de Janeiro explicam "os rápidos progressos do núcleo de Guaratinguetá, que não precisou esperar dez anos, depois de criada Taubaté, para receber as insígnias de vila".**

Tudo leva a crer que Domingos Velho Cabral, ao abrir o seu caminho, como Domingos Luiz Leme, ao se transferir com a família e numerosos índios seus escravos para Guaratinguetá, tiveram o bem definido propósito de produzir circunstâncias que favorecessem o desenvolvimento do povoado e sua elevação à vila, - consoante, aliás, os desígnios e mesmo os estímulos da Casa de Vimieiro.

Tenha-se em consideração que a sesmaria de Domingos Velho Cabral se comunicava diretamente com Taubaté através de bem palmilhada estrada que, passando por terras doadas em 1641 a Domingos Dias Félix, Jacques Félix Neto, Paulo Fernandes e outros, ligava essa vila a Paraty. Assim, que outro motivo teria ele para rasgar o novo e sinuoso caminho pela Serra de Quebra-Cangalhas, desde o sítio que ocupava até o pobre e rudimentar povoado encravado no sertão inculto?

O novo caminho não só aproximou do mar o insipiente núcleo, produzindo os benefícios já citados, como também promoveria o povoamento de toda a região por ele percorrida. Em breve seriam três as povoações existentes no seu percurso: Facão e Campo Alegre, além de Boa Vista por nós mencionada. A primeira já existiria por volta de 1660, segundo afirma Milliet Saint'Adolphe, - afirmação que é endossada por Azevedo Marques. Em princípios do século XVIII tinha capela curada. Situada a meia distância entre Paraty e Guaratinguetá, atingirá desenvolvimento mais acentuado, passando a Freguesia em 1736 e a Vila em 1785 com a denominação de Vila de Nossa Senhora da Conceição de Cunha.

No final do século XVII, com o descobrimento do ouro nas Gerais, **o caminho de Domingos Velho Cabral** iria conferir a Guaratinguetá uma posição relevante na região, pois a vila de Domingos Luiz Leme se encontraria no entroncamento das duas principais rotas para as Minas: a que vinha de São Paulo, passando por Taubaté, e a do Rio de Janeiro, meio marítima, que de Paraty rumava diretamente para Guaratinguetá. Esta última foi por muito tempo a mais importante via de abastecimento e comunicação com o hinterland mineiro. A partir de 1702 seria mesmo, por alguns anos, o único caminho para as regiões auríferas, pois o Regimento naquele ano baixado pelo governador Artur de Sá e Menezes proibia a comunicação com as Gerais pelas estradas da Bahia e o transporte através delas "de outra coisa, senão gado", obrigando os que pretendessem levar mercadorias "a navegar para o Rio de Janeiro, tomando daí o rumo de Paraty". O objetivo era coibir o contrabando, vultuoso na época, advertidas que estavam as autoridades de que "quantos mais forem os caminhos mais descaminhos haverá, não só dos quintos mas mesmo do ouro", segundo as expressões do Conselho Ultramarino português.

É verdade que ainda na primeira década do século XVIII passou o ouro a descer obrigatoriamente pelo caminho novo de Garcia Rodrigues Paes que, sendo mais breve e por inteiro terrestre, não oferecia os riscos do caminho velho freqüentemente ameaçado pelos piratas no trecho marítimo. Não estava o caminho novo, porém, convenientemente povoado e em conseqüência não dispunha de locais adequados para o pouso e o abastecimento de tropas e tropeiros. Desta forma, em 1710, os comerciantes do Rio de

Janeiro se dirigem ao governador Artur de Sá e Menezes e pedem *"licença pª. q' possão hir pello caminho velho, obrigando-se todos a virem com o ouro pelo caminho novo, e trazello a registrar à casa de registro da Parahiba"*. Atendendo-os, o governador expede o bando que concede *"licença pª q' possão hir as ditas minas pello caminho velho, sem embargo de que esteja proibido o uso delle"*.

Em 1717, é ainda intenso o movimento pela antiga trilha dos Guaianazes pois um só morador de Paraty, o capitão Lourenço Carvalho, *"se acha com trezentos negros, que lhe adquirem grande cabedal com a condução das cargas, em que continuamente andão pela serra assima, q' vay a sahir a Villa de Guaratinguetá"*, - como anota em seu diário o futuro Conde de Assumar, D. Pedro de Almeida Portugal. Explicando a utilização desses escravos, aliás trechos *"tão áspera, não podem subir cavalos carregados, e lhes he preciso, aos viandantes valerse desse meyo para poder seguir a sua viagem para as Minas"*.

Observe-se que D. Pedro, nomeado governador e capitão-general de São Paulo e Minas, vinha do Rio para assumir o seu posto em São Paulo e, ao ultrapassar a Serra, despreza o caminho direto para Taubaté, preferindo o mais longo, porém, mais freqüentado e seguro, que passava por Guaratinguetá.

Um outro testemunho da importância que continuava tendo por volta de 1720 o antigo caminho de Domingos Velho Cabral para o abastecimento das regiões mineradoras e para a economia *"de todas aquellas villas do Certão, como são a de Guaratinguetá, a de Penda, Munhangaba, Thaubathé & Jacarehy"* é o de Frei Agostinho de Santa Maria que, fazendo o levantamento das imagens milagrosas do Brasil, consigna, ao passar por Paraty, que *"todas estas Villas de serra assima descem ao porto daquella Villa a buscar o necessário como he o sall, o azeyte & vinho & tudo o mais. Aqui descem vários moradores das Minas de ouro com elle a fazer negócios, & por aqui sobem muytos dos que vão do Rio de Janeiro para as mesmas Minas"*.

Algumas décadas mais tarde, o caminho velho, - também chamado Caminho da Serra pelos litorâneos e Caminho do Mar pelos valeparaibanos, - se mantém intensamente freqüentado pois por ele "andavam 1.300 cavaleiros conduzindo cargas", como assinala, em 1751, D. Antonio Rolim de Moura, Conde de Azambuja e futuro Vice-Rei a Índia. Vinha o Conde de Azambuja de São Paulo para um encontro aprazado com Gomes Freire de Andrade em Paraty, - "ainda o melhor pouso entre Rio de Janeiro e São Paulo" segundo as expressões do último, - e, passando por Jacareí (que, "falando mal, é vila"), chega a Taubaté ("bem assentada, com boas ruas largas e compridas, alegres") onde deixa de lado o caminho direto para o litoral, optando pelo que passava por **Guaratinguetá** ("mais rica do que as outras, por ser passagem para as Minas, daqueles que vêm buscar a estrada de Paraty"). Fixa um vívido registro do caminho de Guaratinguetá a Paraty, cujo trecho pela Serra de Quebra-Cangalhas vence em um dia de viagem, vindo pousar no sítio de Paraitinga, "marchando todo o dia morro abaixo morro acima, tão altos e empinados, que quase todos os cavalos aguaram, até os que iam à mão", sendo preciso sangrá-los. Depois do sítio da Aparição, no terceiro dia de viagem, a jornada se faz penosamente pela Serra de Paraty, anotando Azambuja que a estrada era "tão apertada, aberta em rochas, que me era necessário levantar os pés até os pôr na garupa do cavalo; e nem com tudo isso escapei de dar muito boas topadas; tanto a pique, que oito dias me ficaram doendo as cadeiras de me indireitar", ainda que, em certos trechos, o chão estivesse calçado ou "alastrado de pedras soltas".

Embora as comunicações da Guanabara com as regiões auríferas se fizessem então pelo caminho direto de Garcia Rodrigues Paes, entre São Paulo e o Rio de Janeiro, as viagens continuavam sendo realizadas geralmente por Paraty e Guaratinguetá, percorrendo o antigo **caminho de Domingos Velho Cabral.**

Em 1775, estando já em fase final a abertura do caminho por Piedade ligando exclusivamente por terra as duas cidades, era ainda por Paraty que o substituto do Morgado de Mateus, general Martim Lopes Lobo de Saldanha, preferia vir a São Paulo, - e isso apesar da transposição da Serra de Quebra-Cangalhas ter de ser feita "o mais do tempo a pé pelo impraticável do caminho".

No entanto, com a conclusão do caminho da Piedade graças ao empenho do próprio Martim Lopes, o de Guaratinguetá a Paraty entrou em franco declínio. Uma parte de sua antiga importância seria retomada quando os cafezais passaram a integrar a paisagem valeparaibana, para perdê-la novamente - e já de forma definitiva - ao término do terceiro quartel do século XIX, com o advento da estrada de ferro.

Sem dúvida, grande foi a influência que o caminho pela Serra do Quebra-Cangalhas exerceu na formação do povoado, na fundação e na projeção da Vila. Apesar disso, o nome de Domingos Velho Cabral não mereceu ainda o reconhecimento da terra que tantos benefícios colheu de seu empreendimento. A omissão ao seu nome, com relação à criação da Vila, é ato de imperdoável injustiça que precisa ser sanado.

Em Guaratinguetá, Domingos Velho Cabral viveu o resto de seus dias, tendo falecido em 1662 provavelmente de forma inesperada pois não deixou testamento. Era casado com Ana Leme da Silva, de quem teve quatro filhos citados por Pedro Taques com os nomes de Domingos, Antônio, João Cabral da Silva e Maria Velho do Rosário.

O primeiro, - capitão Domingos Velho Cabral, como o pai, - veio se fixar em Curupaitiba, Pindamonhangaba, onde obteve do capitão-mor Miguel Teles da Costa, em 1704, uma sesmaria "nas cabeceiras das terras de seu irmão Antônio Cabral da Silva", que aí se encontrava havia algum tempo (IV).

NOTAS: I - PETIÇÃO **Arquivo do Est. de S. Paulo**, "Sesmarias" vol. II, p. 95. II - Sesmaria de João do Prado Martins, em Pindamonhangaba. III - A primitiva estrada de terra tinha traçado diferente em três pontos principais da rodovia que atualmente liga Cunha a Guaratinguetá: na transposição da Serra de Quebra-Cangalhas, no Morro Frio e nos últimos quilômetros antes de atingir o antigo povoado do Facão. As maiores modificações, porém, se deram no primeiro dos trechos citados. O trânsito pela Serra de Quebra-Cangalhas sempre se revelou difícil e no perpassar dos anos muitas alterações de direção aí se verificaram. Em 1850, o inspetor de estradas Francisco Leme Barbosa, descrevendo as estradas do município de Guaratinguetá em ofício ao presidente da Província, menciona "a estrada para a vila de Cunha, que vai à cidade de Parati", dizendo dela que "tem princípio nesta cidade (Guaratinguetá) e finda na ponte do Rio Paraitinga, é montanhosa, tem três direções, porém a verdadeira e melhor é pela fazenda do capitão Francisco Joaquim Pereira, despresando-se a que passava pela fazenda do finado alferes Cordeiro, e a velha" (Carlos Eugênio Marcondes de Moura, "O Visconde de Guaratinguetá", Secretaria da Cultura, São Paulo, 1976. p. 54). A primitiva trilha dos Guaianazes, que ligava a Vila de N. Senhora dos Remédios ao Vale do Paraíba, sofreu também, através dos tempos, sucessivas e profundas alterações no seu traçado, desde o

início na margem esquerda do Parati-guaçu até quase atingir as terras que foram de Domingos Velho Cabral no alto da Serra, onde tinha princípio o caminho para Guaratinguetá. Com a descoberta do ouro e o **rush** que então se estabeleceu para as regiões mineradoras, o seu percurso foi muito melhorado "pelo aterro de vários atoleiros e a construção de rústicas pontes". Mas as maiores transformações se deram a partir de 1740. Nesse ano, uma variante foi construída pelos mineiros, tendo parte do seu leito empedrada: conhecida como "Caminho dos Mineiros", partia do rio Mambucaba, galgava a Serra do Mar, indo em seguida encontrar a antiga trilha dos índios. Uma outra vereda, surgida em decorrência do fechamento dos caminhos para as Gerais por ordem de D. João V em 1733, subia o Vale do Corisco, transpunha a Serra de Paraty, indo buscar em seguida a mais antiga. Por volta de 1815, estando o caminho da Serra quase impedido pelos constantes desmoronamentos de barreiras, foi aberto um outro por ordem do Senado da Câmara paratiense (Ata da Sessão de 4/9/1814). Começando na Praia Grande a mais de 20 km da vila, ia embicar com a primitiva estrada no lugar denominado Mato Limpo. Finalmente, em 1955, foi rasgado o atalho que partindo do bairro das Penhas, distante 15 km de Paraty, ia encontrar o antigo caminho do Mar no lugar chamado Estiva Preta, próximo às divisas do Est. de S. Paulo. Este caminho, feito para o trânsito de automóveis, mas beirando precipícios e dando passagem a um só carro de uma vez, é com alguns melhoramentos o atual traçado da estrada Paraty-Cunha. Nenhuma dessas modificações, no entanto, teve qualquer interferência na direção do trecho compreendido entre Boa Vista e Cunha, localidades que sempre permaneceram no itinerário do caminho para Guaratinguetá (Heitor Gurgel-Edelweiss do Amaral, **"Parati, Caminho do Ouro"**, Rio de Janeiro, Livr. S. José, 1973, p. 54. IV - PETIÇÃO **Arquivo do Estado de São Paulo, "Sesmarias"**, São Paulo, 1921, vol. II, p. 99).

Álvaro C. Freitas

Notas do Museu Frei Galvão:

1 - Esta monografia é uma síntese da pesquisa do mesmo autor, publicada na revista Ângulo, de Lorena, em junho de 1986. O autor, já falecido, foi Amigo do Museu Frei Galvão. Morou em Guaratinguetá onde foi proprietário da loja It Magazine, na rua Comendador Rodrigues Alves.

2 - **Domingos Velho Cabral** recebeu outra sesmaria, em 1656, por Carta de Simão Dias de Moura, procurador do Conde da Ilha, correndo até o alto da Boa Vista do Campo, légua e meia para baixo da estrada e meia légua para cima (Coelho, Helvécio V. C. A vila de Guaratinguetá. Revista Asbrap. nº 08). Ambas (a de 1650 e a de 1656) foram transmitidas, por herança, para a filha Maria Velha do Rosário, que as revalidou em 1718. A primeira foi vendida para moradores da região. A sesmaria de 1656 passou para o capitão João Vaz Cardoso por volta de 1737.